N.º 1 — 5.ª SERIE JANEIRO DE 1903 9.º ANNO

Voz de Santo Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO -- BRAGA

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *O inimigo não dorme — Lance de olhos sobre o progresso socialista: estatistica, congressos do anno findo. — Conclusões e reflexões.*

O inimigo não dorme. — A Igreja é actualmente guerreada abertamente pelos TREZ GRANDES EXERCITOS: anarchista, maçonico e socialista. Em todos vae medonho progresso.

Alastram-se as ideias por centenares de jornaes partidarios, cresce o numero dos adeptos, e agglomeram-se dia a dia os factos desastrosos para a sociedade religiosa e civil.

Em actividade, pelo msnos em má cara e atrevimento, o SOCIALISMO leva talvez as lampas aos outros. Pelo menos as suas estatisticas e congressos annuaes vão álem de toda a imaginação.

Ha uma barreira que julgo, nunca os socialistas por descarados e corajosos que sejam, chegarão a transpor: o egoismo individual, e o direito de propriedade.

Todo o homem tem a tendencia natural de o ferrolhar o superfluo e negar o necessario ao indigente e a chamar seu, absolutamente seu, o que herdou legitimamente, ou lhe custou suores, ou que d'outro modo legitimo angariou. E por mais que berrem os socialistas, o opulento ha-de chamar sempre seus os contos de réis que adora na burra, e o pobre chamará seus os dois patacos que esconde no pé da meia.

Mas apesar d'esta barreira que qualquer atilado julga insuperavel, ha muito homemsinho, que, apertado pela fome, ou pela cubiça, se deixa illudir com o sonho lindo de ver um dia a humanidade inteira sentada irmâmente á mesma mesa e vestida da mesma peça de panno. Ha muitos milhares de operarios que ainda afagam a esperança de se verem um dia tão igualados ao imperador da Rnssia, que entre elles haja apenas a differença de nome e de posição; quanto a questão de arame iguaizinhos como dois viscondes.

A estatistica d'estes sonhadores é muito numerosa

Leiam-na os meus amigos no *peuple*, de Bruxellas orgão do partido operario belga e verão.

Era a seguinte o que o dito jornal publicava no principio do anno que findou.

Austria, 1.000:000 de socialistas; França, 1.100:000; Dinamarca, 32:000; Inglaterra, 100:000; Italia. 134:696; Estados-Unidos, 14:000; Servia, 50:000; Hespanha, 20:000, Suissa. 36:458; Belgica, 334:324; Allemanha, 2.125:000; Total das nações americanas e europeias mencionadas, 5.200:000.

Como póde examinar o leitor, não estão mencionadas n'esta estatistica, a Argentina, a Australia, o Brazil, o Japão, o Canadá, a Nova Zelandia, Suecia, Holanda, o nosso sempre esquecido Portugal, que tambem por cá tem alguns socialistas, e outras nações. Do que podemos concluir que juntos todos bem juntinhos o total iria para perto de DEZ MILHÕES.

Caspite! Dez milhões de ladrões, se cahissem com vontade e geito sobre os capitalistas e grandes proprietarios, espalhavam-lhes as libras por essa humanidade operaria e faminta n'um abrir e fechar de olhos.

Ora ainda que a mim não façam pirraça, porque não teem que me levar, mas até favor porque sou pobre e sempre me dariam uma esmola, clamo *aqui d'el rei, com a Voz de Santo Antonio*, contra esses MILHÕES DE ASSALTADORES DA PROPRIEDADE ALHEIA. Se teem fome que trabalhem que não falta que fazer; e se são pobres que tenham paciencia como manda o evangelho e a razão.

Ao socialismo ha-de acontecer como aos mais erros de que falla a historia. São como as bolas de sabão que tentam deitar os rapazes; em chegando ao maximo de elasticidade desfazem-se em nada. Quando depois de cansados olharem para a sociedade e encontrarem a classe pobre roendo a codea que ganha diariamente com suores calidos, e o rico a saborear gordo e nedeo os bons boccados, quando depois de se amofinarem acharem esta ordem social repartida em classes distinctas como esteve sempre, então é que desanimarão e largarão as armas.

*
* *

As ILLUSÕES são por vezes poderosissimas principalmente quando dizem respeito ás FELICIDADES d'este mundo: comer bem e vestir melhor com pouco trabalho. Os socialistas vêem em cada anno que se approxima a realisação do seu doirado sonho, e apesar de cada anno que finda ser uma desillusão continuam docemente illudidos.

Ora vejam os congressos que reuniram n'este anno findo.

Em Stuttgart celebrou-se a CONFERENCIA OPERARIA INTERNACIONAL. Estiveram bastantemente representados os socialistas allemães, austriacos, boemios, dinamarquezes, hespanhoes, francezes, holandezes, inglezes, italianos, noroeguezes, suecos e suissos, e não sei se *suinos*.

Foram discutidos tres pontos: soccorro internacional para as greves; estatistica de trabalho, e nomeação de um *comité* incumbido de levar ávante os dois projectos.

O CONGRESSO DE INDUSTRIA TEXTIL reunido em Zurich foi tambem internacional e muito numeroso.

Representaram-se oito nações extrangeiras por vinte e oito mil operarios que tomaram varias resoluções sobre os pontos seguintes: oito horas de trabalho, salario minimo, caixa internacional para ajuda das gréves.

Sobre o ultimo ponto acordaram em que cada um concorresse para a fundação da caixa com quotas pagaveis até ao 1.º de junho.

Pelo meado de junho Stuttegart depois de despedir os operarios conferencistas internacionaes, deu entrada aos congressistas do CONGRESSO DOS TRABALHADORES ALLEMÃES que não foi pouco concorrido.

Compareceram cento e cincoenta e cinco delegados de varias corporações socialistas, que representavam cerca de setecentos operarios.

Figuravam entre estes delegados oito mulheres.

Louvado seja Deus! já aonde chegou esta coisa! E se uma cabeça de homem repleta de socialismo é uma cabeça doida, uma cabeça de mulher em eguaes circumstancias deve ser com certeza um casco doido elevado ao quadrado.

A DEMOCRACIA SOCIALISTA ALLEMÃ reuniu em Munich pela decima terceira vez o CONGRESSO DOS SOCIALISTAS ALLEMÃES. Esta poderosissima organisação socialista conta cincoenta e cinco diarios socialistas, e trinta semanarios e mensaes.

N'este tocou-se na questão religiosa.

Vollmar expressou assim o seu sentir approvado por todos: «Que nos não inquietem os an-

9.º Anno — N.º 1 | 5.ª SERIE | Janeiro 1903

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Ex-Libris O. F. M. LXOES

SUMMARIO

O Congresso de Manheim.
I Parte — **SECÇÃO DOUTRINAL**: A arca de Noé. — Santa Margarida de Cortona. — Espirito de Penitencia. — Indulgencias, etc.
II Parte — **SECÇÃO HISTORICA**: D. Jayme Balmes. — Pensamentos. — Anecdotas e contos moraes.
III Parte — **LEITURAS AMENAS**: O arrependimento.
IV Parte — **CULTO DE SANTO ANTONIO**: O Pão de S. Antonio em Braga, Peniche, Lisboa, Samaões (Chaves), Obidos, Ouro Preto (Brazil), Mesquinhata, Fregim (Amarante), Barcellos, Livramento (Mafra), etc. — Os cofres — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — **SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA**: Religião e moral. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — **CHRONICA UNIVERSAL**: Roma, Portugal, etc.
GRAVURAS: Costumes da Madeira. — Claustro Real da Batalha. — Residencia dos Missionarios Franciscanos na Beira. — Vista geral do Cairo.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

Com o anno de 1902 fecha-se a 4.ª serie da *Voz de Santo Antonio,* e ficam cerrados oito annos de lides jornalisticas dizemos de lides apostolicas.

N'essa longa caminhada pelos caminhos tortuosos da imprensa religiosa em Portugal, Deus sabe quantos sacrificios tivemos de curtir e á quantas dedicações foi necessario abalançarmo-nos.

Lá ficam vividos esses oito annos, umas vezes ao lado do povo, modesto mas indispensavel companheiro de trabalho, outras passados em consorcio amigavel com a sciencia e as lettras.

Humilde porta-voz da verdade catholica em Portugal, patrocinados por um santo que metteu peito, hombros e cabeça á propagação universal d'essa verdade, pela sua diffusão trabalhámos, quer nas classes elevadas, quer dentro da arraia-miuda.

Que o nosso trabalho não tem sido perdido de todo, provam-no as assignaturas que diariamente affluem a esta redacção, manifestam-no as muitas cartas de felicitação de nossos assignantes, correspondentes e amigos, evidencíam-no os numerosos centros da *Pia União* e do *Pão de Santo Antonio* que para ahi ficam levantados.

Com tão lisonjeiros precedentes, podemos já suffocar os espinhos que nos vieram á mão n'este afanoso labutar de tantos annos, e proseguimos de fronte erecta e peito sereno a nossa laboriosa jornada.

BIBLIOTECA ORDEM FRANCISCANA DA LUZ

O Congresso de Manheim

Com organisação admiravel e mestria já tradicional acabam de ajuntar-se na Allemanha mais de 50$000 homens para discutir assumptos relativos á religião e á politica.

Ha cincoenta annos pelo menos que os catholicos allemães se reunem periodicamente para versar os interesses religiosos, manifestar suas reivindicações politicas e sociaes, e reformar o programma de suas luctas futuras.

Ao contrario do que succede n'outros paizes em reuniões d'esta ordem, tudo alli é *practico e effectivo*. D'ahi a harmonia mysteriosa entre os votos dos congressos e o pujante desenvolvimento do partido catholico.

Até a ajuizada escolha de Manheim para centro estrategico d'estas manobras nos dá uma idéa da operosidade do partido catholico allemão. Quem não sabe que Manheim é um centro operario muito florescente, posto no ducado de Bade, onde os protestantes se entrincheiraram de ha muito, para de lá desfecharem sobre o catholicismo?

Tambem o congresso organisou hostes aguerridas contra a Reforma, evidenciando-se unido pelas suas mil calorosas provas de dedicação ao Papa, de lealdade ao Imperio, de respeito ao grão duque de Bade, e versando conjunctamente as questões de imprensa e de triumphos parlamentares.

Não se receou tractar nua e crua mente do *catholicismo social* opposto directamente ao catholicismo individual e pessoal. Olhou-se serenamente para a vida activa e practica, isto é, para a vida politica dos catholicos no terreno legitimo das reivindicações.

Congressos assim, são ao lado do partido catholico que lhes é alma, vida, organisação e direcção — *grandes potencias*, forças temiveis em opposição aos desvarios de governos menos humanitarios.

Sociedades litterarias, associações operarias, obras de beneficencia, corporações de toda a ordem, tudo tem contribuido para a fundação e progredimento de um partido notavel que em cada localidade formou commissões eleitoraes, dependentes do Volksverein, encarregado de defender a Egreja e as instituições, mandando ao Parlamento uma vigorosa e unida maioria.

E' pois occasião de prestar homenagem respeitosa aos *chefes espirituaes* d'essa cruzada, aos Bispos, a quem nem a prizão nem o exilio, ao tempo do Kulturcampf, fizeram intimidar. Antes, quanto mais sacodida foi a rajada da perseguição, mais unidos estiveram com seu povo, nas suas aspirações e reivindicações legitimas.

O proprio imperador, a quem não falta a firmeza de timoneiro dextro, apezar de ser protestante, viu na sua sabedoria a necessidade de governar com os catholicos. Pois se elles fazem a maioria no Reichstag e decidem a solução de todas as questões militares, financeiras e sociaes!

Além de liberdade completa, os catholicos conseguiram nomeação a meias (protestantes e catholicos) dos professores das Universidades, d'antes protestantes. O ensino religioso é obrigatorio na escola. As ordens religiosas, já ha muito rehabilitadas, assumem dia a dia novas phases de progresso, e vêem com o apoio e o

favor do Estado, augmentar a sua influencia, na Allemanha e fóra.

Podemos pois reconhecer com legitima ufania que o patriotismo dos catholicos cumpriu com a Palavra de Leão XIII ao general de Loé, representante de Guilherme II:

«A Allemanha é um paiz da Europa onde ainda hoje reina a ordem, o respeito á auctoridade, a veneração á Egreja, é um paiz onde os catholicos pódem viver em harmonia com as suas crenças e exercer afoitamente as praticas religiosas.»

Secção doutrinal

A arca de Noé

Universalidade ethnica

Deixamos os nossos leitores entregues á consideração da justiça de Deus sobre os povos e creio que não terão divergido do modo de ver que expusémos. Deus põe as causas segundas e deixa-as operar na fatalidade de suas leis reservando todo o rigor da justiça para a vida d'além tumulo; a consequencia de tal fatalidade soffrem-na todos por determinação divina — justos ou injustos — a uns servirá de expiação a outros de punição — em nenhum caso, porém, rigorosamente distribuitiva: está só no ceu, ahi e só ahi haverá rigor de contas, o *redde rationem* do Evangelho. Demais, querendo em rigor a justiça distribuitiva e assim toda a humanidade perecesse á excepção dos que entraram na arca (suppondo-os todos justos — *quod est probandum*), importaria, em virtude do mesmo principio que se invoca, que os innocentes escapassem e d'este modo, pelo menos as creanças deviam dar entrada na arca, facto que não consta da Escriptura.

Mas afinal, porque se dirá que toda a humanidade estava corrompida para se exigir um diluvio que se extendesse a toda ella? Só por uma palavra: *omnis caro corruperat viam suam.* Eis a nova questão que precisa por sua vez ser esclarecida, Quem prova que o termo «omnis» abraçava na intenção do escriptor sagrado toda a familia humana? Eis o que se esqueceu e era preciso dizer:

Ponhamos ponto, porém, n'esta questão da universalidade geographica, questão julgada afinal e que hoje entra nas escolas catholicas em todos os manuaes biblicos e compendios de critica e exegese. Ha, a par d'esta questão, uma outra mais melindrosa e que os amigos das conclusões logicas e posições bem definidas, tiraram e, não obstante ainda não colheu a adhesão de muitos exegetas, como Vigouroux, etc. Refiro-me á não universalidade ethnica.

Modernamente talvez não haja questão que no dominio da critica catholica levantasse mais serias tempestades. Empenharam-se n'ella as mais altas intelligencias — Jaugey, Lamy, Kirwan, Harley... Os artigos pró e contra eram furibundos, quasi incendiarios...

Jaugey chamou herege a Kirwan (Jean d'Estrenne) que se atrevera na *Revue des Questions Scientifiques* a fazer umas referencias elogiosas aos escriptos do abbade Motais, do Oratorio, defensor energicamente da dupla parcialidade. O director da revista censurada, Padre Carbonelle S. J., acudiu em defesa do hereje, destruindo todas as considerações de Jaugey e chamando-lhe por sua vez o gendarme da orthodoxia.

Antes d'isto, porém, já Motais, professor de hebreu e hermeneutica em Rennes sustentara polemica rude na controversia com outros exegetas d'alto valor, como Lamy, e diz-se que os ataques foram tão violentos, observou-se tão pouco o conselho de Santo Agostinho — *in omnibus caritas* — que o erudito professor veio a fallecer pouco depois.

As questões não eram discutidas sob o ponto de vista scientifico mas principalmente exegetico. Empenhavam-se sobretudo em mostrar que a Escriptura não contradizia esta nova interpretação, antes a favorecia por vezes, querendo provar mesmo com a Biblia e o diccionario Hebreu na mão que os filhos de Cain não haviam perecido todos no diluvio como até então era corrente, mas escapado muitos e d'elles se fazia referencias no texto sagrado, etc. E' isto tambem que passo a mostrar d'um modo tão claro e tão breve quanto o com-

portem a complexidade e aridez da materia: as razões são duplas, scientificas, e exegeticas. Vejamos as de primeira ordem e depois a sua confirmação escriptural.

Todas as linguas, e isto é um facto assente em philologia, antes de chegarem á sua phase mais perfeita, passam por dois estados; primeiramente é uma simples successão de raizes sem suffixos nem prefixos, e este é o seu estado monosyllabico; d'ahi aperfeiçoa-se de modo a tornar-se agglutinante em que já entram elementos secundaros, modificando a mesma raiz principal para finalmente passar ao estado de flexão em que possue a structura grammatical mais perfeita. Todas as linguas modernas pertencem em geral a este grupo.

Esta lei da successão é tão evidente que ainda hoje se observam linguas agglutinantes caminhando para o estado flexional e tendencia para agglutinação nas linguas ainda puramente monosyllabicas.

E' claro ainda que esta passagem d'um estado simples para outro mais complexo não pode ser subita n'uma lingua, mas o fructo de muitos seculos d'uma evolução muito longa. Sendo assim, põe-se o dilemma: ou Noé e os seus fallavam linguas de flexão ou agglutinantes e não se explica como ainda hoje haja povos seus filhos fallando linguas na sua phase primeira; os chinezes ou fallavam linguas monosyllabicas e então não ha espaço sufficiente que permitta a metamorphose sempre lenta d'um estado n'outro, pois os povos certamente descendentes de Noé fallam todos linguas de flexão.

A conclusão a tirar, diz o parcialismo, a unica solução a dar é reconhecer que nem todas as raças existentes depois do diluvio eram de origem noachica. Antes de concluir, porém, vejamos a resposta do universalismo ethnico.

Essa difficuldade lingustica resolve-se bem: foi na construcção da torre de Babel que por ordem divina as linguas se confundiram, afim de punir a soberba humana.

Esta resposta embora chegue a proposito está muito longe de satisfazer a todos. Ha quem queira vêr na supposta confusão das linguas uma simples divergencia no modo de pensar relativamente á edificação da torre, não uma confusão de linguagem propriamente dita mas de sentimentos apenas. No dizer dos hebraizantes a palavra vertida para o latim «labium» encontra-se na Escriptura setenta e duas vezes e sempre com a significação ou de labio ou de sentimentos, nunca porém de linguagem.

Quando, portanto, Moysés declara não haver em toda a terra senão *unum labium omnibus*, não quer dizer senão que todos quantos estavam na planicie de Sennaar partilhavam dos mesmos sentimentos relativamente á construcção d'uma torre que lhes servisse de refugio, no caso de se verem perseguidos pelos povos vizinhos e que por fim essa harmonia de pareceres se perturbou por determinação divina. Outra explicação será sempre obscura. Não se vê bem onde esteja a vangloria dos homens para merecer um castigo tão singular da parte de Deus; tudo se comprehende ao contrario, se tivermos em vista que Deus não intentara punir um crime que não se vê bem, mas só impedir que a ascendencia do futuro Messias fosse perdida pela corrupção imminente.

Esta mesma necessidade de refugio contra os ataques de povos extranhos (o que consta clarissimamente do texto original), ainda admittindo a confusão das linguas no sentido que até hoje lhe tem sido dado, mostra que nem só na planicie de Senaar havia povos, mas que outros estariam dispersos e lhes levariam a guerra, que suas linguas não foram confundidas, etc., etc.

Não se póde, pois, ir ahi buscar a solução da difficuldade a contento de todos: onde estará pois? Noé, dizem, fallava uma lingua monosyllabica e a sua evolução para uma fórma mais perfeita deu-se atravez das gerações de seus descendentes. Sendo assim, como encontrou Cham negros fallando linguas agglutinantes, isto n'uma epocha que os monumentos egypcios mostram ser muito approximada do diluvio?

Não ha tempo para tal metamorphose. Não indicará isto que nem todos os povos eram originarios de Noé?

Ainda se replica: nas genealogias dos patriarchas post-diluvianos ha omissões de nomes, sendo o numero dado puramente mnemotechnico. Faltando annois n'essa cadeia podemos fazer recuar o diluvio quanto seja necessario.

Seja; mas erguem-se novas difficuldades. Qual o motivo porque Moysés ao traçar as

suas genealogias nunca falla da raça mongolica, negra ou amarella, que já n'aquelle tempo existia e era conhecida no Egypto; isto é, não falla d'aquelles povos que precisamente fallam linguas que a chronologia não permitte prender ás certamente noachicas?

Porque motivo as linguas da flexão só são falladas pelas raças brancas (com certeza originarias de Noé) e as demais só por povos esquecidos nas genealogias de Moysés? Porque differença tão grande nos gostos, costumes e civilização dos individuos noachicos e não noachicos (no dizer do parcialismo), porque serão quasi irreductiveis as suas linguas, tal a difficuldade em as ligar?

Devemos concordar que taes coincidencias fazem pensar e levam-nos instinctivamente a procurar-lhes o segredo.

Não se póde dizer que Moysés desconhecera estes povos omittidos em suas genealogias porque o historiador sagrado guarda silencio absoluto a respeito de povos apresentados n'outras partes como mantendo relações muito directas com os Hebreus. Seu silencio parece systematico e premeditado. O universalismo ethnico vê-se embaraçado para responder a tal difficuldade e confesso que nenhuma das conjuncturas propostas me satisfez. Só me agradou uma porque ao tempo que explica cabalmente o plano e o intento de Moysés n'essa omissão, poz bem em relevo a racionalidade da these moderna. Esta explicação repousa sobre a leitura e o exame attento dos livros de Moysés. Este escriptor nunca passa a uma biographia sem que previamente termine outra já começada: assim, nada dirá de Jacob sem que previamente tenha historiado todos os factos concernentes a Esaú; antes de fallar de Adão e abrir as suas genealogias conta a creação geral do mundo, etc.; do mesmo modo antes de fallar dos Sethistas deixa narrado tudo quanto respeita a Cain e Abel. A sua obra é, pois, methodica, nunca desordenada, não é um conjuncto de factos narrados sem ordem, mas antes todos subordinados a uma ideia grandiosa, traça as origens do Messias pela via dos filhos de Deus os Patriarchas. D'este modo póde dizer-se que o genesis começa propriamente no cap. v — *Liber generationis Adam* — os precedentes constituem no prologo: a principio a historia da humanidade, depois a do povo Hebreu e do Messias.

E' claro, pois, que se Moysés depois de ter completada e fechada toda a historia de Cain fosse no Diluvio referir acontecimentos relativos ao fratricida, ennumerando as raças que d'elle haviam provindo, o que de resto nada importava ao seu fim, seria reabrir e fazer uma historia inutil, e, sobretudo contradizer-se no seu plano, ao mesmo tempo chronologico e de eliminação.

A conclusão a tirar de tudo quanto deixei dito é que embora a sciencia não decida se o diluvio se extendeu a todos os homens, pelo menos diz que o affirmativo é improvavel.

Embora, porém, este modo de vêr possa ser e seja realmente muito discutivel, comtudo será bom lembrar que tambem seus auctores avançaram affirmações a principio arrojadas, mas que hoje estão recebendo a mais plena confirmação, e sobretudo porque é preferivel os catholicos abrirem as questões livres a esperar que ámanhã venha o racionalismo impôl-as e annunciar mais uma vez triumphantemente e com certo fundo de razão que a sciencia com suas descobertas vae fazendo recuar a religião, etc., etc.

Ponhamos de parte, porém, tudo isto, vejamos se na Biblia se encontrará não digo uma demonstração peremptoria da sobrevivencia dos filhos de Cain ao diluvio, mas ao menos indicios que encaminhem legitimamente a esta conclusão. Esses indicios pullulam em toda a Escriptura e seria tarefa bem arida expôl-os todos, com as diversas interpretações que lhes assignaram os commentadores de todos os tempos. A opinião preconcebida da destruição total dos viventes pelo diluvio fez com que se alterasse a accentuação e ortographia d'uma palavra que a Vulgata traduz por Cin e não é outra cousa senão o nome de Cain em hebreu como a juizo de todos os exegetas os interpretes israelitas fieis ao texto lêem e traduzem.

Uma das provas mais frisantes para mim é a dos numeros XXIV-17. Balaam do alto do monte Phegor é arrebatado subitamente em espirito prophetico e enviado por Balac para amaldiçoar Israel, voltando-se para as regiões que se extendiam a seus

pés exclama sem querer: «Uma estrella sahirá de Jacob e um sceptro de Israel. Ferirá as duas fronteiras de Moab e destruirá os filhos de Setto.

Em seguida volta-se para o lado dos Cainitas *vidit quoque Cinaeum*, diz a Vulgata e exclama ainda: «elle deve ser exterminado, elle tambem, Cain.»

O confronto é admiravel e faz pensar. Se se quebra o parallelo entre os dois filhos de Noé a prophecia fica d'uma obscuridade impenetravel, pois d'este modo ter-se-ia d'admittir, á falta de melhor explicação, que os filhos de Israel irão á destruição da humanidade inteira, originaria como é de Setto.

O desaccordo gigantesco e as explicações pueris dos commentadores sobre esta passagem são uma prova indirecta e cabal a meu vêr da existencia de raças cainitas. Estas provas podiam desenvolver-se, mas faço ponto n'esta questão; demasiado longe fui eu, contra a minha expectativa não obstante ter usado quasi sempre do estylo mais attico possivel.

Resta-me declarar que se n'estes escriptos ha alguma cousa de bom no raciocinio e na argumentação isso é dos auctores em que me inspirei d'elles é exclusivamente a obra que esboçei a traços geraes.

O que, ao contrario, ha de mau é o crivo por onde passaram, pois, como acabo de dizer os auctores são bons, excellentes, profundamente eruditos.

LEAL.

SANTO PROTECTOR DO MEZ DE FEVEREIRO

Santa Margarida de Cortona — Cortona, pequena cidade de Italia, foi uma das mais celebres pelo espirito christão na Edade Media.

Esbraceja preguiçosa e melancolicamente as suas ruas medievaes por entre os palidos olivêdos, que cobrem a encosta do monte que lhe serve de pianha. A grossa muralha secular que a cinge completa-lhe o melancolismo caracteristico que contrasta sympathicamente com o pitoresco do vale que se estende magnico e bello lá em baixo unindo a Umbria á Toscana.

Foi este o palco em que viram os velhos cortonezes representar-se ha quasi oito seculos, o drama de profunda sensação que vamos resumir agora.

Pelos annos de 1254 os aldeões de Laviano, povoação vizinha de Cortona, acompanhavam á ultima jazida o esquife d'uma modesta camponeza da sua aldeia. Acompanhava o prestito funebre um honrado lavrador que com a esquerda pegava pela mão a uma menina de sete annos, debulhada em lagrimas e com a direita disfarçava o pranto que lhe rebentava francamente dos olhos. Era a viuvez e a orphandade, orvalhando de saudade christã o cadaver da esposa e da mãe que a morte lhe roubara e que a terra ia esconder-lhes.

Fechou se a sepultura. Para consolo da sua viuvez tinha o desditoso lavrador a companhia da pequena Margarida, flôr adorada d'aquella aldeia.

Correu-lhe a vida pesada e triste n'aquelle ninho sem mãe, n'aquelle thalamo sem esposa.

Por fim amores da terra com o tempo vão. Tornou a casar-se.

Com os cuidados da nova familia a educação da gentil orphão foi posta de parte. Margarida era pouco mais que uma creada na casa do pae.

Foi crescendo ao abandono aquella flor sem mãos caritativas de jardineiro que a cultivasse, que a abrigasse da geada no inverno e dos calores no estio.

Completou assim os oito annos. Vieram os nove, após os dez e os onze e com o vir dos annos ia desabotoando as petalas aquelle coração lançado á ventura ainda em botão. Chegou a edade dos quinze; edade em que o coração juvenil é rosa aberta aos perfumes de todos os affectos. Oh! se tivéra então Margarida um coração materno que lhe soubesse verter na alma a essencia do amor divino, e desviar-lhe do coração em flôr, os affectos mundanos e enxotar-lhe para longe o lascivo zumbir de zefiros enganadores, que Margarida não crearia em Laviano o ceu! mas era orphã. Para uma alma grande e juvenil ainda não ha desdita que eguale a perda de uma boa mãe.

E' um dom extraordinario de Deus um coração grande, mas quando lhe falta um educador intelligente que lhe dirija as aspirações e os affectos, é um triste azar. Melhor fôra então sentir no peito o pulsar sêcco d'um coração duro como ferro e frio como marmore, impenetravel aos raios calidos dos amores do mundo.

N'aquella edade conhecia muito bem já o mundo e seus prazeres e, borbuleta inconstante deixou-se fascinar d'elles. Conhecia que tinha prendas de alma e de corpo capazes de attrahir a juventude louca de gosos da carne como ella, que não lhe faltaria que gosar no caminho do prazer e lançou-se ás cegas para onde o coração a inclinava.

Os tres annos seguintes foram um louco progresso no crime. Os aldeões de Laviano que tanto a adoraram quando creança, detestavam-na agora como o escandalo da sua aldeia.

Não consta que fizesse até então do crime o seu publico ganha pão; mas via-se rodeada da mocidade mais suspeita d'aquelles arredores que borboleteava doida em torno d'ella, entrava sem receio em pleno dia nas casas de má fama, e não havia baile, espectaculo ou festim de moral livre onde não comparecesse a perdida Margarida.

Ia em desoito annos. Estava-se em 1265. Certa noite o pae da perdida donzella ao recolher a casa das fadigas do campo, deu por falta de Margarida quando se sentou a cear, mas não se preoccupou com isso porque não era novidade. Deitou-se. Ao outro dia ao almoço Margarida não estava á mesa. Anoiteceu e ella sem entrar

em casa. Succederam-se muitos dias sem haver noticias d'ella. O aldeão vivia despreoccupadamente, entretido nos seus negocios familiares como se nada acontecera: era uma creada, uma estrangeira ao seu coração, que sahira de sua casa, era um escandalo que por boa sorte lhe tiravam da familia, e nada mais para aquella alma fria e indifferente aos seus deveres de pae

Passadas algumas semanas começou a constar pela aldeia que Margarida vivia criminosamente com um fidalgo muito rico de Montepulciano. A noticia foi-se alastrando; todos confirmavam o facto.

Era certo: Margarida tinha fugido de casa, pela noitinha com o gentilhomem d'aquella villa.

Margarida, devia achar-se feliz agora: nada lhe faltava para realisar a vida de prazer que sonhara aos quinze annos. Era rica, tinha um palacio nobre onde viver luxuosamente, podia subrepujar a todas as damas de Montepulciano e Cortona celebres pelo luxo e gentileza de formas, o seu amante esforçava-se por fazel a o idolo da nobreza d'aquellas cercanias; que mais havia a desejar do mundo para uma jovem vaidosa?

Havia. Margarida sentia no intimo da sua alma um vacuo que nunca enchera em tantos annos de gosos mundanos. Faltava-lhe a paz interna filha da boa consciencia, esse dom celeste sem o qual todo o prazer é amargo Apesar de vaidosa até parecer fazer alarde da sua criminosa vida, nunca esquecera os conselhos de sua boa mãe, nunca faltara ao respeito para com a religião e assistia ás suas funcções com porte digno e sabia como preencher aquelle vacuo da sua alma cada vez mais espaçoso, como calar as vozes da consciencia cada vez mais inquieta; mas a razão já não tinha força para domar a vontade desenfreada e cega pelas paixões.

Continuava a deixar-se ir agua abaixo na torrente caudolosa do crime, cujas aguas nunca suppôs tão amargas.

E quem lhe adivinharia a dolorosa guerra da sua consciencia, quando a via atravessar as ruas de Montepulciano e as praças de Cortona, montada n'um magnifico cavallo, trajada de roçagantes sedas, recamadas de ouro, o colo circulado de colares de perolas, fronte altaneira, olhar fingidamente despretencioso, e galanteios soberbamente magestosos? Quantos pelo contrario a não apontariam como symbolo da felicidade e lh'a ficariam invejando?

Como é certo que o remorso habita os nobres palacios e as almas dos grandes do mundo, como casa sua, qual verme que engorda no amago do mais bello pomo! e ao contrario como brilha a felicidade no coração bom, embora pulse sob os andrajos do mendigo quasi nú!

Correram os annos assim. Margarida sentia na sua alma o espicaçar do remorso cada vez mais pungente, e as vozes da consciencia não a deixavam gosar ja o suave falso dos festins mundanos.

A vida peccaminosa que abraçara delirante, tornara-se lhe um fardo importuno, e o prazer um amargor horripilante.

Quantas vezes o gentilhomem de Montepulciano não a foi encontrar na solidão do campo, quando veraneavam fóra da villa e nos aposentos do seu palacio sozinha, a scismar com a fronte recostada na direita e as lagrimas a cahirem-lhe gotta a gotta no regaço! Quantas vezes não respondeu ás suas perguntas inquietas, com um inutil — Não é nada, são scismas de mulheres — mas que era muito, porque era o scismar de um coração que luctava dentro de um peito em trevas com o real phantasma do remorso!

Um coração grande no crime é grande tambem para a concepção das verdades eternas, grande para o pavôr que por si mantem na alma criminosa, e grande no remorso.

Que dolorosos e atrozes não seriam os combates travados no interior d'aquella solitaria quando se punha a scismar nos seus desvarios em que se tornara famosa!

Margarida sentia a necessidade de deixar aquella vida já longa, para ser feliz; desejava até emendar-se, mas não tinha força. Era um enfermo que anceava ver a luz do sol, mas a quem não deixa erguer-se a falta de forças.

—Até quando, Margarida, diziam-lhe ás vezes as pessoas piedosas, has de ser o escandalo d'esta provincia?

—«Não vos inquieteis, respondia lacrimosa, tempo haverá em que me chamareis santa; dias virão em que, vestidos de peregrino com bordão na mão e romeira aos hombros, visitareis o meu sepulchro.»

São presagios no auge do soffrimento os grandes corações: N'um proposito firme e generoso vêem muitas vezes o futuro.

Pelo menos viu o Margarida.

Vae perdida mar em fóra a gondola que o barqueiro descuidado deixou entrar na corrente; por mais que reme desfallecerá sem salval-a. Mas quem duvida que se do ceu vier negra procela e lhe soprar favoravel a levará nas violentas azas ao porto perdido?

Quem como a peccadora de Laviano se lançou na corrente do peccado, e se deixou ir n'ella por longos annos, não tem que esperar salvamento por meios ordinarios; só um impulso extraordinario da graça divina lhe pode valer.

O coração retalhado da Margarida via, não sei a que prophetico clarão, este prodigio da misericordia divina approximar-se d'ella.

Parecia-lhe que o pae de familia já vinha em caminho, em busca do prodigo para leval o a casa; que o pastor divino poséra já os olhos amorosos na ovelha perdida e ia pôl-a aos hombros para leval-a ao redil Presentia tudo isto e quando lhe fallavam em converter-se respondia sempre:

— Esperai um pouco; não vem longe o dia em que me chamareis santa.

Não se enganava. A graça divina ia cahir em cheio sobre aquella alma desnorteada. Era o ultimo abalo, o derradeiro impulso, se Margarida resiste, perde-se.

A famosa peccadora estava, talvez veraneando, n'uma quinta fóra da villa.

Um dia o seu amante saiu para visitar uma herdade que tinha junto á aldeia natal de Margarida, e um pouco retirada, da sua casa de campo.

Chegou-se a hora de jantar e não appareceu. Fazia-se tarde e Margarida começou a inquietar-se com a demora, porque lhe constava que havia por lá quem lhe não queria bem, talvez até questões de ruins ciumes por amor d'ella. Serrou-se a noite. Deitou-se desasocegada com a triste ideia no pensamento que a não largou em toda a noite.

Parecia-lhe que se volteava no leito havia um seculo, e a aurora sem raiar.

Cada golpe de vento na janella era elle que batia. Quantas vezes não levantou a cabeça do travesseiro para escutar um rumor incerto que julgava ser os seus passos.

Raiou por fim o dia e contra o seu costume Margarida levantou-se cedo.

Interrogou creados e lavradores mas não soube noticias d'elle, nem admirava pois havia apenas um dia que tinha faltado; algum negocio extraordinario o teria occupado.

N'esta illusão passou o dia sempre desinquieta, observando de vez em quando pelas sacadas os campos a ver se via alguem.

A noite seguinte foi mais cruel ainda que a anterior. Muito cedo de madrugada manda com toda a pressa um creado em busca do desejado da sua alma desorientada e logo que o sol doirou com os primeiros raios o horizonte poz se á sacada a espreitar todos os caminhos que vinham dar a casa; mas a manhã subia e o seu olhar ancioso não topava com ninguem que se parecesse com o ente que chorava perdido.

Um vulto ao longe, um lavrador que vinha almoçar, o bulir d'um arbusto fazia tremer o coração com um movimento subito de esperança, mas logo se desvanecia com a reflexão da realidade.

Depois de longas horas de expectativa viu galgar ao longe por um carreiro que serpeava por entre o arvoredo um cão em direcção a casa. Era o que acompanhára aquelle que lhe roubára o coração e a virtude.

Desceu para a porta da rua tremula de anciedade. Mas o animal chegou só e com aspecto muito triste começou a ganir dolorosamente e a pegar-lhe pelo vestido como que incitando-a a que o seguisse.

Cerrou-se na alma perdida de Margarida uma noite de trevas; as amargas duvidas tornaram-se-lhe aos latidos do animal, cuja linguagem comprehendeu, em desoladora realidade.

— Está morto!...—, disse consigo, e seguiu cegamente o cão que a levou apressadamente por entre os campos, regatos e sementeiras que se estendiamao longe.

O animal entrou n'um bosque muito espesso. Margarida não se lembrou sequer que era mulher, que estava só, não sentiu o minimo arrepio de medo: seguiu-o sem hesitar. A poucos passos o fiel e atilado rafeiro pára junto de um carvalho secular, arreda com as pátas dianteiras um comoro de folhagem, escava um pouco de terra e n'um instante descobre o rosto ensanguentado de um cadaver. Margarida cahiu de bruços sobre elle, como estatua de marmore a quem subtrahiram repentinamente a peanha.

O tempo que durou este extranho extasis, esta morte de momentos, souberam-no as avesinhas que o espreitaram de cima do copado arvoredo, e o animalzinho fiel que sentado nas patas trazeiras o presenceou magoado.

O certo é que a louca joven levantou-se penitente do solo sobre que cahira peccadora havia alguns instantes e retirou-se deixando semi-sepultado o cadaver dos seus criminaes amores para nunca mais o desenterrar.

Estava começada a sua conversão.

Os juizos temiveis de Deus aterravam-na, mas a bondade divina que ferira com o raio da morte o cumplice dos seus crimes para a poupar, dava-lhe coragem e confiança. Lembrava-se então que Deus realmente não queria a sua morte mas que se convertesse para viver a vida verdadeira da graça.

N'um instante poz em ordem os negocios domesticos e alguns dias depois vestida de penitente e com o filho unico que tinha pela mão batia á porta do pae a quem fugira havia nove annos. Ah! mas muitas vezes os paes da terra não são como o Pae do Ceu! O honrado camponez temendo manchar a sua reputação dando agasalho a uma mulher escandalosa não lhe deu pousada.

Anoiteceu e Margarida, com as lagrimas nos olhos e levando pela mão o seu filho que chorava ao vê-la chorar, foi pernoitar para o quintal do pae.

Agasalharam-na do orvalho da noite as longas folhas d'uma ramalhuda figueira e á creança de poucos annos os seus braços e collo materno.

Que noite! meu Deus, que noite! passaria alli a pobre peccadora!... Quantos remorsos, quantas difficuldades suggeridas pelo demonio, quantas, lembranças de voltar á vida do crime! Mas a lembrança dos conselhos de sua boa mãe que dormia ha vinte annos na egreja que lá adiante avultava como um phantasma nocturno á luz baça do luar, da sua cara mãe que estaria agora a orar por ella mais que nunca, e sobre tudo a graça divina da conservação da sua vida durante quasi vinte annos de peccado, dava-lhe coragem e resolveu partir para Cortona para entregar os negocios da sua alma aos religiosos franciscanos d'aquella cidade de cuja vida austera tanto ouvia falar

Ao outro dia entrava na cidade, atravessou as ruas e dirigiu-se á igreja do convento de S. Francisco. Ninguem se espantou com o facto porque ninguem conheceu n'aquelle trajo esfarrapado, nas faces palidas pelas dores da alma e nos olhos pisados de chorar, a Margarida de Montepulciano, cujo vaidoso fausto as mundanas jovens de Cortona invejaram.

Duas piedosas damas que a acompanhavam e que se tinham interessado por ella perante os religiosos, movidas pelo arrependimento que lhes evidenciava o todo penitente da peccadora, apontaram-lhe o confessionario do então celeberrimo director espiritual, Padre Giunta.

A penitente ajoelhou junto d'elle. Passados alguns minutos ouviu-se bater de mansinho na grade do confessionario. As duas damas deram-lhe signal para que entrasse.

O padre Giunta tinha chegado.

Margarida entrou e ajoelhou-se

Retiremo-nos. Deixemos que a peccadora Magdalena chore e suspire aos pés do representante do Divino Jesus da Bethania, francamente e sem receio da nossa presença. Os anjos do Paraizo esperam, como brancas pombas em bandos, anciosos pelo momento da absolvição, para fazerem festa grande pela conversão da ovelha perdida.

Esperemos tambem esse momento e preparemos o nosso espirito para asistir ao segundo acto d'este drama de que vae ser protagonista a Magdalena franciscana, Santa Margarida de Cortona.

(Continúa)

COSTUMES DA MADEIRA

VIRTUDE PARA IMITAR

Espirito de penitencia — (Continuação) — Como escrevo aqui para as almas piedosas, para esses corações generosos que se esforçam por ser gratos para com Deus, copiando em si mesmas quanto lho permitte a fragilidade humana, as perfeições divinas, e que se não contentam com o mathematico cumprimento dos mandamentos, não fecharei o assumpto sem falar da penitencia exterior, da mortificação dos sentidos.

Apesar da summa importancia d'este tratado que os auctores mais affastados da nossa epocha tratam longamente, é hodiernamente muito descurado pelos directores espirituaes e pelas almas que pretendem subir a escala da perfeição evangelica, quer seculares quer mesmo religiosas.

Ha hoje em volta dos conventos e casas religiosas e em muitos centros de devoção espalhados por toda a parte, christãos de communhão muito frequentes, muitos que se chegam á santa mesa todos os dias, mas que afinal, apesar da boa vontade não passam quasi sempre de umas boas resadeiras: a palavra penitencia arrepia as.

«*A verdadeira penitencia é a do coração e a do espirito* «diz-se muitas vezes entre as pessoas mesmo que professam vida perfeita.

E' uma persuasão commum em que julgo haver um engano grave. Não foi isto o que nos ensinou Jesus quando disse: «fazei fructos dignos de penitencia», nem tão pouco o que nos ensinou com o jejum do deserto, com o frio e pobreza, até miseria do presepio, com as privações que soffreria durante trinta annos na casa de Nazareth, com a fadiga de tres annos de pregação, com as bofetadas e injurias das ruas e tribunaes de Jerusalem, com os açoites de Pretoria, com a morte de cruz.

Porque se não contentou Jesus, o nosso modelo, com a mortificação interna?

Não é isto tão pouco o que nos dizem as historias dos Santos, todas sem excepção, cujas duras asperezas nos espantam; nem é isto o que ensinam os mais celebres auctores de ascetica.

«Não póde dar-se verdadeiro e preseverante amor de Deus, diz o Padre Faber, sem a mortificação externa «com a mortificação interna, continúa o mesmo auctor, não póde haver perseverança na vida espiritual. Certo que a interna é mais necessaria, mas não póde subsistir sem a externa que deve andar sempre em primeiro logar».

A mesma razão que n'um corpo dito immortificado, regalado com todos os bens, n'um corpo a quem se satisfazem os minimos desejos não póde viver uma alma pura e mortificada.

Como ha-de ser mortificado o coração, como ha-de despegar-se de certas affeições mundanas, de certas amisades muito feminis e naturaes, de certos sentimentos pouco honestos, se os olhos lhe estão lançando continuamente lá para dentro mil figeiros, mil objectos perigosos e desnecessarios que lhe encitam sentimentos improprios e ruins? Como quereis mortificar a imaginação, quando os olhos a enchem de mil objectos perigosos, quando pelos ouvidos recebe noticias, conversações mundanas e offensivas da curiosidade?

Como ha-de ser recolhida a alma, aonde entram pelos sentidos escancarados a todos os deleites que lhe são proprios, o mundo inteiro o seu tumultuar peccaminoso.

Uma alma d'estas andaria sempre na presença dos homens mas nunca na de Deus.

A primeira origem de todos os desvarios moraes é a fome do peccado que a culpa de Adão nos ateou na alma e no corpo; extingui-la é o fim das almas que tendem á perfeição. E quereis chegar a este intento ministrando pelos sentidos á carne faminta de peccar todo o prazer que ella pede?

Não achaes que deve penitenciar-se a carne mortificando-lhe os sentidos?

Não. Nunca vereis n'um corpo regalado uma alma piedosa e mortificada.

Certamente que é mais nobre a penitencia interior, mas esta nobreza desapparece se a exterior a não guarda e sustenta.

Não é o cacho, diz um auctor, o melhor da vinha, o que d'ella pretendemos? Mas se vos descuidardes das cepas não tereis vendima.

A nossa alma está plantada, e pelo dizer assim, arraigada no nosso corpo; e que importa que seja de muito boa qualidade a arvore se a plantamos em terreno arido?

Nunca lhe colheremos fructos. D'uma alma arraigada, d'um corpo esterelisado pelo calor dos vicios e paixões immortificadas, nunca colheremos fructos de penitencia.

Por muito bons que sejam os fructos se desfolharmos a arvore o sol e o frio queimam-nos e arejam.

Por muitos e bellos que sejam os desejos e propositos de sermos mortificados nas nossas faculdades internas se cortamos pela mortificação dos sentidos, tudo se murcha e cae arejado ao chão.

Só poderiamos separar uma penitencia da outra quando alma e corpo fossem duas entidades individuaes, distinctas. Mas emquanto formarem ambos um só homem é necessario que ambos se purifiquem pela penitencia para ambos lhe gosarem o premio.

E afinal não é certo que deve chegar a purificatoria da penitencia até onde chegou o corrusivo do peccado? E não se alastrou este veneno mortifero até á ultima fibra da nossa carne, até ao mais pequeno dos ossos do nosso corpo? Não é certo que se não foram os instinctos brutaes d'esta massa damnada, filha do crime, a maior parte de nós peccadores conservariamos hoje ainda fresca e viçosa a flor da nossa innocencia? Porque não ha-de pois a penitencia exterior castigar os sentidos criminosos que tanto mal nos teem feito e farão ainda, se os não domarmos com este freio?

—Porque matas com penitencia, porque tratas tão mal o teu corpo — perguntavam um dia a certo monge.

—Porque me mato e trato mal primeiro.

Com que instancia se não vingavam santamente da sua carne os Santos, de que andamos hoje tão divorciados?

O estado da Igreja sob o ponto de vista ascetico vem ajudar-me a desiludir as almas piedosas d'estes tempos sobre o assumpto.

Se lançarmos de relance a vista sobre os claustros monacaes e casas religiosas e sobre os

muitos centros de devoção que felizmente enxameiam por toda a parte, espanta-nos um facto que muitas vezes me assalta a imaginação.

Onde vive hoje uma d'essas almas generosas e extraordinarias cuja virtude nos seculos de fé era famosa nas nações extrangeiras como hoje os grandes factos politicos?

As respostas são sempre dolorosas reticencias. E é certo pela historia que nos seculos que nos ficam atraz essas almas grandes na virtude abundavam, não eram um caso raro.

Conhecemos hoje religiosos celebres na oratoria, na cadeira de ensino, no jornalismo, nas bellas artes e sciencias physicas e metaphysicas, mas, almas cuja fama de santidade attraia a si as attenções do mundo christão, se constar de uma, não passará além o numero.

Qual será a causa d'este resfriamente?

Segundo julgo é a que já vimos combatendo: dá-se muito pouco apreço ás mortificações externas, quasi que nem se faz ideia do que sejam.

A totalidade dos escriptores ascetas de hoje para se conformarem quanto possam com a indole efeminada dos christãos hodiernos versam sempre na maior parte das suas obras, assumptos divinamente amorosos de geito a não irritar o christianismo molengo das almas do nosso seculo; desenvolvem sob todos os aspectos e com todos os affectos de que são capazes o amor de Deus humanado, sacramentado e morto, por todos os modos adquados a mover as faculdades affectivas dos leitores. Os christãos mais dados á piedade e as almas religiosas dos conventos devoram esses livros e desde o momento que a sua leitura lhe incite a sensibilidade do coração, são uns livros divinos que teem na mão e ellas umas almas bemaventuradas de amor. Se porém lá vem um dia em que por disposições animicas a leitura do seu livro não produziu o effeito desejado tudo são inquietações, pareceu-lhe que desandaram muitos passos no caminho da perfeição, quando afinal estão no mesmo ponto que os mais dias: ainda não principiaram.

E estas almas que encontramos tantas vezes no templo prolongando terços e leituras, se as procuramos á cabeceira dos moribundos, á porta da enxovia do pobre, nos carceres, nos centros de propaganda religiosa, onde seja necessario arrostar com difficuldades, com sacrificios, onde o soffrimento seja inevitavel, não se nos deparam, porque ahi não experimentam a tal sensibilidade dos seus livros.

Christãos d'estes não passam d'umas almas sensibilisadas, e a perfeição é mais, muito mais que isso.

Não digo que taes livros sejam maus, mas são incompletos.

E' certo que a essencia da perfeição está no amor divino; mas esta divina chamma nunca lavrará n'uma alma sem que esta remova os obstaculos que a impedem: os prazeres do mundo e os da nossa carne; uns e outros, destroe a mortificação externa.

A chamma não pega na lenha verde sem primeiro expulsar d'ella a humidade; na nossa alma não se ateará o divino fogo do amor sem que alma e corpo estejam depurados de toda a paixão e vicio pela penitencia e mortificação dos sentidos.

Não são os christãos que clamam por meio de rezas e leituras infindas Senhor! Senhor! que chegarão á perfeição, mas aquelles que ao mesmo tempo que chamam em seu auxilio o Ceu castigam o seu corpo e o reduzem á servidão como fazia S. Paulo.

Para que é tanta reza e tanta leitura se depois em deixando o terço e o livro, em saindo do templo e do oratorio vindes escandalizar o proximo com a vossa lingua, com os vossos ouvidos, com os vossos olhos, com todos os vossos sentidos libertinos, immortificados?

Desenganemo-nos. Nunca chegaremos á perfeição se não formos homens mortificados nos varios sentidos. Começae por esta mortificação externa e vereis como a interna lhe succede suavemente, e depois de serdes christãos penitentes, chegareis a ser filhos adoptivos do amor de Jesus. Por outro caminho ides errados, a não ser que as vidas dos Santos nos enganem.

Secção historica

D. JAYME BALMES

NAÇÃO catholica, Hespanha, não é como para ahi se tem assoalhado impudentemente uma terra de neo obscurantistas ou selvagens, aferrados ao purismo do passado, orphã de elementos prestaveis, que ennobrecidos por ideias geniaes possam influenciar no machinismo do progresso da epocha.

Que o avente pedante infatuado, que ainda não acertou em lobrigar o lado opposto da fronteira, — d'accordo; que o affirme homem de illustração e tino, — não creio.

A valorosa patria de Cisneros, o benemerito estadista dos reis catholicos, de Cervantes, o famoso soldado de Lepanto, e auctor sem rival do immortal «D. Quichote» e tantissimas summidades litterarias, como frei Luiz de Leão, Granada e a mellifluа Thereza de Jesus, a patria, digo, que no pantheon da historia figura tão rutilantemente, é impossivel que desfalleça na senda da civilisação o progresso moderno.

No seculo XIX surprehende o mundo scientifico com uma pleiade de sabios, eruditos, philosophos e especialistas, que as outras nações acclamam no auge do en-

thusiasmo pela leitura de suas obras d'uma solidez pouco commum.

Entre todos, ha um que se destaca logo pela irreductibilidade de seus principios e pela austeridade de suas convicções inabalaveis.

E' Balmes. Seu nome enche uma historia; celebrado na Peninsula salva os Pyreneus, galga os Alpes e resoa em todos os angulos da Europa illustrada. Quem o não conhece? Quem não leu aquellas paginas sempre frescas e actuaes, sempre candentes e inspiradas?

Quem, meditando-as, não pulverisou um prejuizo, pensou uma ferida?

N'este modesto artigo quero tão sómente traçar á ligeira uma face do perfil d'este grande pensador, porque a estreiteza do espaço não comporta mais.

I

Balmes nasceu em Vich, cidade notavel da Catalunha, no dia 28 d'agosto de 1810. N'este dia a Igreja exulta com a commemoração festiva do incomparavel Doutor do Occidente, apologista insigne da religião catholica, Santo Agostinho.

A lyra popular desfere harmonias de arrebatar os corações mais gelados pelo indifferentismo cynico e prosaico, que olha as solemnidades lithurgicas com desdem.

Agostinho e Balmes assemelham-se e quasi que cruzam as mesmas vias do saber e da historia.

Balmes, que na expressão graphicá d'um douto purpurado, é justamente appelidado o *Santo Padre da epocha moderna*, corre parelhas com o genio de Hipona.

Ambos foram traçados pela Providencia para reinar no seu seculo pela vastidão de sua intelligencia ao serviço da verdade; ambos appareceram na marcha dos tempos para occupar um vacuo que a humanidade sondava sem conhecer a causa.

Agostinho avulta na provincia das lettras e das sciencias pela universalidade de seu saber e engenho agudo, como a aguia de vôos sublimes, que fende os espaços, filtra-se pelo pego das questões a resolver a fundo, onde a verdade despede centelhas de luz.

Balmes é um astro de intenso fulgor, que espadana ondas de luz e doutrina pelas questões mais tortuosas e difficeis, que o protestantismo arma á sagacidade dos talentos, devotados á sciencia catholica.

A sua intelligencia nunca desce tanto que asphixie no pantano da miseria e da corrupção moral, que amesquinha tanta gente.

Paira sempre n'uma atmosphera, em que se respira o oxigenio do bom senso.

Como Agostinho, entra pelas questões, zombando do ridiculo e do sarcasmo que o inimigo boçal e ruim atira no seu transito; quando desembainha a espada da sua dialectica temivel, o inimigo escabuja, recua até á brecha de salvação, mas alfim succumbe banhado em seu proprio sangue.

Balmes, á guisa de Agostinho, tinha deante de si uma ideia. Chamava-lhe *ideia madre;* esta era como a attracção electrica na orbita polar; informa o organismo das faculdades, dá-lhes vida e acção e cria os magnificos trabalhos que assombram as edades.

Como publicista e apologista de pulso inquebrantavel, não ha na Peninsula penna de melhor aparo.

Não é plagiario que mendiga de porta em porta para satisfazer á ambição d'uma celebridade; homem de genio e estudo, arranca da fragua viva da sciencia philosophica peças de fino quilate, desvenda o veu da materia bruta, espiritualisa aquelles germens occultos, caldea-os no fogo da meditação e por fim dá-os a saborear ao estudioso que se assenta no banco da escola, ou ao sabio que se abastece de conhecimentos no seu gabinete particular.

Que muito, pois, que Balmes seja no campo da metaphysica e da sociologia uma especialidade de creditos incontestaveis! O seu methodo revela por completo o seu talento. Nunca contemporisou com a curiosidade de mascar em encyclopedias e in-folios indigestos abortos de erudição vaidosa, romantica e puéril.

Nas fontes puras e crystallinas é que elle saciava o desejo vehemente de enriquecer e augmentar o nucleo de illustração de seu espirito.

A sua memoria phenomenal, herdada de seu pae, calculista de renome, era um incentivo a mais para absorver a sciencia n'um tracto. Tinha uma vocação philosophica decidida. N'este molde refluiam todos os seus afans e observações.

Partia d'um principio: o homem tem

um destino, uma carreira a seguir outhorgada por Deus. A vida ou a morte do seu futuro social pende da vida ou da morte que incutir á sua vocação. Os homens não obram indefinidamente, como racionaes que são. Por conseguinte, teem infallivelmente que adaptar-se a um destino definido, certo, a uma profissão na esphera que escolherem. D'outra sorte é proceder cegamente, malbaratando as inergias d'alma.

Era assim que o grande pensador economisava o tempo, deixando-se dominar pelo ascendente poderoso d'uma ideia geradora e fecunda.

O plano de seu estudo não podia ser mais methodico. Tomava um livro, com a vista attenta perpassava o indice, depois exgotava as paginas de succo, fechava o livro e consumia largo tempo na concentração e estudo.

Nunca lia na occasião em que a paixão escandece o animo. Era debalde! Para perceber e pensar bem havia mister de uma recomposição no interior reflexivo! O contrario era tropeçar no abysmo do erro.

Quão bem differente é esta conducta da dos nossos jovens educandos nos centros litterarios, que incessantemente vagabundeam n'uma apathya criminosa e cigana!

«Nada me viu, diz o grande pensador, n'outro lugar que não fosse minha casa, a Igreja, o collegio, ou em algumas casas de regulares, e na bibliotheca episcopal, onde me detinha sempre que estivesse aberta».

O continuo exprimindo a assiduidade de Balmes na bibliotheca, dizia em phrase catalã: *era' e trumfo ferm de la biblioteca.*

Para accudir á sua desventurada patria, em crise desgarradora, estuda os problemas sociaes, e — coisa rara! — a solução de Balmes identifica-se com a que Leão XIII expende em suas encyclicas para debellar o pauperismo brigando com o capitalismo.

Balmes oscillava entre a carreira de escriptor e a de cathedratico; mas por fim opta por aquella, porque, diz:

«Nada mais grato que exercer influxo nos homens pelo ascendente da verdade; nada mais grato que escrever uma palavra e ter profunda seguridade de que aquella palavra dentro de poucas horas, voará a grandes distancias, e vibrará em milhares de espiritos, para produzir uma convicção ou excitar uma sympathia, como uma chispa electrica, que sahindo de um ponto, commove a atmosphera até um remoto confim!!

II

Agostinho creou a phylosophia da historia. Balmes creou a phylosophia do bom senso.

E' sob este aspecto que elle é reputado um pedagogo, um educador, que bem póde hombrear com os Dupanloup.

E' por este condão invejavel que Balmes é admirado e lido com avidez por uma classe sympathica de jovens catalães e homens de todos os graus sociaes, que representam a escola balmesiana.

Com effeito o grande pensador allançava a um espirito fino e analysador a prenda gloriosa de pensar bem. Elle ahi está no seu «Criterio», alicerceando um systema de educação intellectual e moral, abordoado ás leis immutaveis com que a Providencia governa os destinos dos individuos que engrossão este grande corpo social.

Onde estão os homens de caracter serio, honrado, que não descambe na vileza? pergunta.

Onde estão os homens de convicções, acrysoladas, sem tergiversações traidoras?

Onde estão os principios regeneradores da caridade social, do dever e do sacrificio?

O homem entibiou-se. As farinhas dos interesses exoticos levedam-no e petrificam-no no muladar das torpezas mais retrogradantes. O contacto demasiado com a materia brutalisa e embota a alma.

Já não tem a independencia moral, que triumpha do servilismo e da bajulice atrevida. Calca aos pés os deveres mais sagrados da liberdade humana, para impertigar-se n'uma peanha, ou alcandorar-se no telhado musgoso d'onde se avistam os horisontes a que aspiram.

O contacto com o mundo era para Balmes um meio exquisito de retemperar sem caracter, e fundil-o, por assim dizer, no bronze d'uma experiencia sobranceira ás illusões e chimeras que desvairam tantos cerebros vazios.

Longe d'elle o abeirar-se manhoso d'aquelles que pela sua posição distincta

podiam tecer-lhe uma corôa de verdejantes loiros que enramassem a sua fronte modesta.

Longe d'elle o estacar um dia na arcada dos semi-deuses da fortuna e do mando com a mira n'um sorriso, n'uma admiração.

Longe d'elle o prestar ouvido attento á *verve* galante que extazia os incautos.

Longe d'elle o roçar seus labios pelas fimbrias caudaes das gentes, guindadas um pouco mais acima que elle.

Balmes detestava a idolatria arrebentada de espiritos ignobeis que se arrastam pela lama da rua, enfronhados na capa de uma requintada hypocrisia.

Em 1848 Balmes dizia adeus á Hespanha e á Europa consternada. Na hora extrema, seu semblante illuminado, a sua fronte serena e desannuviada attestavam bem a nobreza de seu coração, que o incenso da adulação nunca viciara.

.....

O' jovens: Lêde os pensadores, lêde Balmes. Formae o vosso criterio, o vosso ideal nos bons modelos. O futuro que vos sorri, será tanto mais desassoberbado das difficuldades que vos enredam, quanto mais culta e aprimorada for a vossa educação moral e intellectual.

Vós sois a geração nova que ha-de levantar nos escombros d'um passado lugubre a estatua do genio do bom senso. Sim, ó jovens! — o seculo que se enfaixa no berço é o vosso século — seculo da restauração social. N'este enlevo todos vos embalaes.

8-XII-902. P. M. Faria.

PENSAMENTOS

A lisonja, triste symptoma da vileza humana é filha da ambição, irmã da hypocrisia, e percursora do despotismo.

*

A falta de fé gera a indifferença em cujo regaço como em braços de meretriz, adormecem todas as virtudes, e se acordam todos os vicios.

*

A verdade é velha como Deus, o erro é novo como o homem.

*

As grandes descobertas, como as producções da natureza nunca se hão-de reputar espontaneas, mas predispostas sempre n'um germen fecundo de actividade excitado pelo meio externo.

*

O commercio com despertar o sentimento ingenito da sociabilidade gera o espirito de observação para a perfectibilidade pessoal, e o espirito de sacrificio para bem da familia humana.

*

A Pusillanimidade amesquinha o homem e o furta ao gozo da sua mesma experiencia. A prudente confiança nas proprias forças é o começo de todos os grandes pensamentos, e marca ao homem logar honroso na galeria dos seres intelligentes.

*

Nunca o homem me pareceu tão vil como quando sendo ignorante se metteu a dogmatisar.

*

Prometter muito e têr pouco é quasi sempre infamia. O ignorante como vê pouco, imagina que não ha mais que vêr.

*

Conheço muitos *critiqueiros:* mas não conheço por ora nenhum bom critico.

*

O melhor processo a seguir na refutação dos erros e dos systemas é estremar serenamente os principios verdadeiros dos falsos, genuflectir depois reverentemente á verdade, e repudiar com franqueza e falsidade.

*

O fumo da eloquencia cobre instantaneamente preconceitos, mas só a exposição franca e sensata das opiniões actuam nas intelligencias soffregas de verdade.

*

A intransigencia e a diatribe são armas que as mais das vezes erram fogo na defeza da verdade: sobre irrazoaveis, são ridiculas.

*

A harmonia da natureza é um symbolo da harmonia social: aquella é mais brilhante, esta mais admiravel.

*

No concurso das causas da evolução social encontram-se systemas mais ou menos erroneos. Aos que se alongam mais da verdade maior impulsa lhes deve a machina da civilisação. Como

então é perigoso o procedimento dos catholicos que medem pela mesma bitola os erros e os systemas?

*

O PERIGO DO ALCOOL

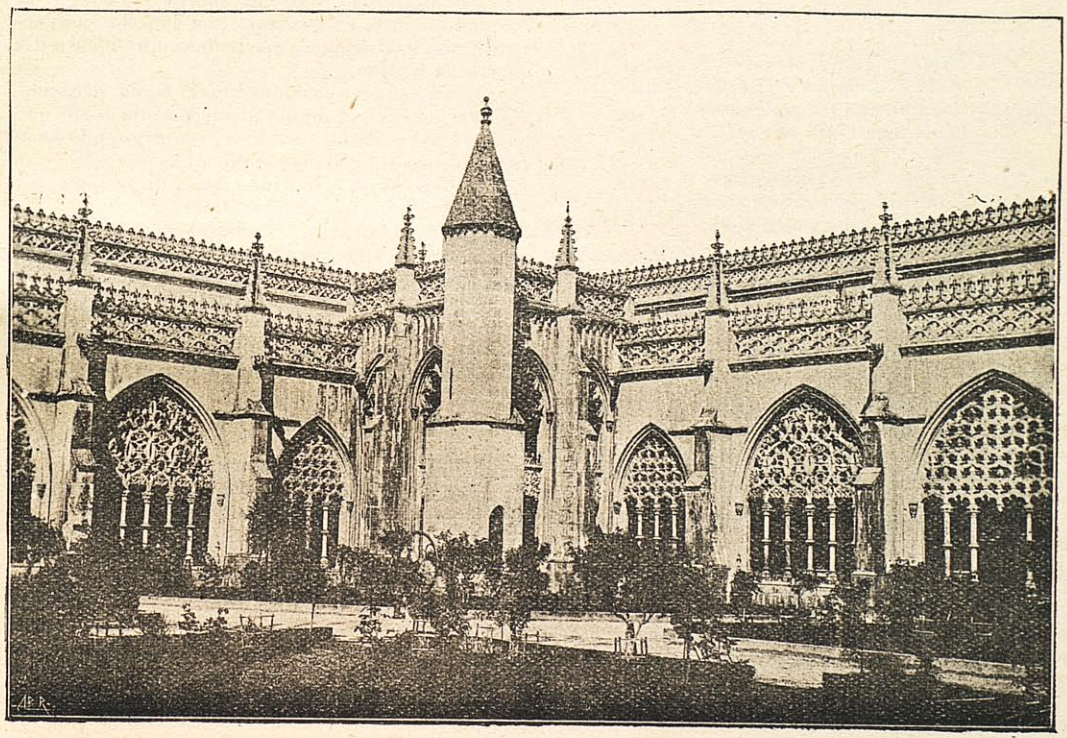
O alcool é sempre prejudicial; é o, porém, sobre maneira nos paizes tropicaes.

M. A. Fick escrevia um dia n'uma revista allemã: «O clima tropical não é *por si* prejudicial ao Europeu. Todos os colonos, commerciantes e viajantes, que ahi succumbem devem-no não ao clima, ao ar, ao alimento, ou á agua mas *exclusivamente* ao alcool.»

extraordinaria superioridade de obitos, que se dão entre inglezes e allemães, devido unica e exclusivamente ao abuso do alcool. Se na Africa ha alguns dos nossos que perecem devido a desregramentos póde dizer-se, que o abuso do alcool entra n'uma quantidade minima, o que não quer dizer, que se não deem casos de alcoolismo entre os nossos colonos.

A conclusão a tirar d'estas ligeiras transcripções e considerações é que, embora o alcool tenha certas propriedades boas, o seu abuso causa grande numero de victimas, devendo portanto evitar-se o mais possivel.

*



CLAUSTRO REAL DA BATALHA

O dr. Carlos Kolb, que por muitos annos viveu na Africa Oriental, diz, por seu turno, cathegorica e claramente:

«Não sou um apostolo da temperança; entrementes ouso dizer que, se na Europa não é util o alcool, deve considerar-se perigoso e nocivo, um veneno quasi nas terras d'Africa. As doenças tropicaes poupam as mulheres europeas; porquê? porque são de ordinario mais temperadas que os homens.

Lord Roberts assegura que metade das doenças dos soldados inglezes na India provêm do alcool.

Os nossos africanistas sabem muito bem quanto a raça anglo-saxonia é dada a bebidas alcoolicas; e d'ahi facilmente pódem explicar a

OS INNOCENTES

Porém nós vivemos já no céo.
S. PAULO.

Almas felizes e contentes
D'um rico viver sem par...
O' vós que viveis de amor
Tão felizes e contentes...
E' porque sois innocentes,
O' doces almas sem par.

Ensinae-me, ó Innocencia,
Os teus candidos enlevos,
E aquella justa clemencia

De tão subidos relevos.
Empresta-me o teu sorriso
O' visão do Paraiso!

«Nós vivemos já no céo»
— Dizeis a todos felizes;
Mas ha tantos infelizes
Que arrastam do mal o véo...
— Sombras da vida perdidas.
Almas no vicio mettidas!...

Se do amor de Deus gosaes,
Se na terra não viveis,
Mas entre anjos já folgaes
E' porque anjos pareceis.
Almas de tanta ventura,
Vêde a nossa desventura!

Tantos vivem já no inferno,
Aliás vivendo em folganças,
Que parecem ter esp'ranças
D'um feliz viver eterno!..
Mas ai! fingem de contentes
Os que não são innocentes:
Por isso, Deus da clemencia,
E' só feliz a Innocencia!

(Gôa) F. A.

ANECDOTAS

Alguns individuos, tão ignorantes, como pretenciosos, estavam em amigavel palestra.

Fallou-se de historia e um perguntou, porque seria dado o nome de tridentino a um dos concilios.

A iste respondeu muito de prompto um dos palestrantes:

— Isso pergunta-se? E' bem facil de saber-se! Chamou-se concilio tridentino, porque durou tres dias.

— Não, retruca outro, chamou-se assim, porque o papa presidiu a esse concilio, empunhando um tridente.

— Ainda não foi por isso, responde o terceiro, chamou-se-lhe tridentino, porque o papa, quando assistiu a tal concilio, já estava tão velho, que apenas tinha tres dentes.

Qual dos tres disse maior disparate?

*

N'uma aldeia, bastante afastada da cabeça do concelho, eram constantes as desordens e os ares eram pouco sadios.

Além d'aquellas circumstancias, que tanto concorriam para as continuas doenças e difficuldades nos promptos soccorros, os rios eram caudalosos e sem pontes.

As pessoas mais pacatas lembraram-se de recorrer á camara municipal, pedindo um facultativo permanente, mas ninguem se attrevia a fallar em publico, porque todas eram muito acanhadas.

Um individuo tido por mais experto, promptificou-se a apresentar o respectivo requerimento á camara municipal, quando estivesse em sessão.

Para a cabeça do concelho se dirigiu uma grande quantidade de povo, e o parlamentario, apresentou se ante os vereadores e tratou de fallar com todo o desembaraço.

Mas, de repente, atrapalha-se, confunde-se e apenas, poude dizer o seguinte:

«Aos pés de Vossas Senhorias, meus Senhores, venho depôr o meu requerimento. Na minha terra, Senhores, ha rios distantes, medicos caudalosos, doentes faccinorosos, que com suas amplas adversidades nos infeccionam!»

*

Um individuo, que costumava embriagar-se frequentemente, estava um dia á janella conversando com sua esposa e mostrando, que n'esse dia não tinha bedido.

A esposa, que, sempre que tinha occasião, afeiava-lhe o vicio, apontou-lhe por um ebrio, que passava pela rua, ora cahindo, ora erguendo se e soffrendo as algazarras do rapazio.

E como visse o marido triste, disse-lhe:

— Já vejo, que estás triste, vendo aquelle desgraçado. De certo, te lembras, com arrependimento das vergonhas, porque a embriaguez te faz passar.

— Não, mulher, estou triste, por não gozar do mesmo prazer que tem aquelle meu collega, quando bebeu até ficar em tal estado!

A tal argumento a mulher não replicou.

*

Uns estudantes estavam conversando, quando passou um frade franciscano, que, muito socegadamente se dirigia para o seu convento.

Um dos estudantes pretendeu escarnecer o frade, apesar dos concelhos dos collegas em sentido contrario.

Chamou-o e disse-lhe com modo sarcastico:

— Amigo frade. Estamos aqui, ha muito questionando, por causa de uma duvida, de que só tu nos pódes tirar.

— Eu, respondeu o frade sem se perturbar, sou um pobre franciscano e de certo, não estou no caso de esclarecer tão conspicuos academicos. No entanto ouvirei, e responderei, conforme entender

— A duvida é esta. Burro deve escrever-se com B grande ou com B pequeno?

— Conforme. Se o tem por nome appelativo, bastará um B pequeno; mas se o tem por nome proprio, é indispensavel, que seja com um B grande.

E seguiu socegadamente o seu caminho, deixando envergonhado o troista, a quem os companheiros ainda disseram que era bem feito.

*

Um sujeito das immediações do Porto ouviu n'uma assembleia fallar de charadas e assistiu á decifração de algumas.

Pediu explicações a tal respeito e promptamente lhe foram dadas com tal clareza, que ou-

tro, que não fosse elle, facilmente entenderia o artificio de tão innocente distracção.

Suppor, no entanto, que não só o tinha entendido, mas que, era muito capaz de fazer uma d'essas composições e, n'uma reunião, em que appareceram os mesmos individuos; disse-lhes, que tambem já tinha feito uma charada.

— Vamos a ella, disseram alguns circunstantes.

— Pois lá vae, respondeu o novo charadista:

— Vinhas e Vinháes, duzentos mil réis. Tira-lhe e põe-lhe, desoito mil réis.

Com que se arrima? — Desoito vintens.

Todos disseram, que tal palavrorio não poderia ser adivinhado e que não era charada nem coisa que o parecesse.

Elle então, muito ufano e censurando a pouca esperteza dos circunstantes, explicou a *charada* da seguinte forma:

—Vinhas e Vinháes, duzentos mil reis, quer dizer que eu, na Villa de Vinhaes, comprei, por duzentos mil reis, um cavallo a um individuo, que tem por por appellido *Vinhas*.

Tira-se e põe-se lhe desoiti mil reis. quer dizer, que custou desoito mil reis o aparelho, que é o que se tira e põe no cavallo.

Com que se lhe *arrima* desoito vintens, quer dizer, que custaram desoito vintens a esporas, que é com que se *arrima* ás cavalgaduras, para ellas andarem. — E então? O homem não mostrou quo era muito fino?

*

Certa madama, que tinha suas pretensões a saber alguma coisa de latim, mas que da lingua de Cicero nada entendia, achava-se em uma sociecade, onde se fallou da natural fraqueza humana, pela qual todos estamos sujeitos a peccarmos.

A isto, rospondeu ella toda feita doutora:

— Não admira. Ate o sol peccou. Assim o disse David: *Tibi soli peccavi*, até o sol peccou.

*

Um janota ignorante e pedantesco fazia a côrte a uma rapariga dengosa e tal como elle.

A rapariga morava defronte de um rio lago, ou sitio aquatico, onde, em noite calmosa e serena, a lua se reflectia muito brilhante.

Estava gosando de tão bello espectaculo da natureza, quando passou o seu namorado, que. depois de lhe dirigir os seus cumprimentos e algumas amabilidades recheadas de dislates, terminou assim os seus phraseados:

— «E a lua, refrangindo-se nas perificias das aguas, ô que lindo panorama, que ella mute!»

A isto respondeu ella:

— Quanto mais sublime me reputo, tanto mais equivalente me certifico.

UM AVEIRENSE OBSCURO.

Leituras amenas

O ARREPENDIMENTO

Era nos fins do seculo XVIII.

Bernardini — o nome cheira a italiano; de feito os italianos como o está provando a experiencia constante dos derradeiros annos, e a lista assustadora dos ultimos attentados tem confirmado, são peritos em casos de este genero — Bernardini foi um homem, que passou o verdor dos annos imbuido por ideias socialistas e começando a declinar para o outomno da vida fez profissão do credo anarchista. Metteu-se-lhe na cabeça, que a sociedade era intrinsecamente má, e que era preciso, custasse o que custasse, transformal-a por completo, e por completo derribal-a para depois, sobre o cadaver ainda quente e fumegante — que a destruição ha-de ser a ferro e fogo! — da que a procedeu, fundamentar os alicerces d'essa sociedade nova desde muito pregoada, que, regorgitando de vida, ha-de levar a humanidade ao apogeu da civilisação e conduzil-a ao zenith deslumbroso e embriagante do bem estar.

Enlouqueceu-lhe a alma na doce expectativa d'esse venturoso e decantado dia e desenhava na tela do futuro com as tintas multicores da phantasia, caprichosas vistas e ledos passatempos; mas porque as palavras são palavras, que o vento leva, quiz Bernardini dar o exemplo e passou a via de factos.

Concebeu a ideia de viajar não por simples recreio, nem muito menos levado pelo anjo bemfazejo da instrucção; queria, longe da terra, que lhe foi berço, dar execução a seus planos diabolicos, e levar as furias anarchistas, que lhe aravam e minavam o coração, em innocentes victimas, que fruiam pacifica e legitimamente — porque a propriedade não é um roubo, em que pese aos senhores socialistas — as riquezas, que um trabalho insano lhes grangeou, ou a roda da fortuna lhes proporcionou.

Desde então começou a vida de Bernardini a cifrar-se no segredo e no mysterio. Bernardini não era, effectivamente,